

# Economistas apontam crise de confiança

Octávio Costa

A economia está paralisada pela falta de confiança na moeda. Não há sinais de aprofundamento da recessão, mas nada indica a retomada do crescimento. As empresas adiam suas decisões de investimento, efetuando apenas a substituição de equipamentos indispensáveis para seu funcionamento. Como agravante, a tarefa da estabilização está longe de terminar e permanece presente a ameaça de nova escalada da inflação. Essa visão extremamente pessimista dominou de forma absoluta os debates do *Balanço Mensal* do JORNAL DO BRASIL, que reuniu os economistas Mário Henrique Simonsen, da FGV, Plínio Arruda Sampaio Jr., da Unicamp, Rogério Werneck e Dionísio Carneiro, da PUC-Rio, e o cientista político Sérgio Abranches, da Sócio Dinâmica Aplicada.

Na verdade, não houve propriamente um debate, a não ser em aspectos marginais. Os cinco participantes do *Balanço*, sem exceção, bateram exaustivamente na tecla da crise de confiança, que, segundo o ex-ministro Mário Henrique Simonsen, tornou a economia "fundamentalmente morna". Simonsen garante que, no momento, "não se vê ninguém investindo". Ele exibe como sintoma do descrédito empresarial o fato de que hoje "os fluxos de capitais se passam do Brasil para o exterior e não do exterior para o Brasil". No ano passado, os investimentos oficiais brasileiros no exterior foram bem superiores aos que aqui ingressaram. E esse fluxo negativo de capitais, ressalta Simonsen, não incorporou as operações realizadas através do mercado paralelo, podendo, portanto, ganhar dimensões ainda maiores.

Rogério Werneck também traça um diagnóstico sombrio: "A economia é um organismo doente e não é possível colocá-la para crescer. A questão chave continua sendo a estabilização." Em sua opinião, apesar de todo o esforço, de todos os sacrifícios, a tarefa da estabilização ainda está por ser feita: "A economia brasileira continua com tendência a resvalar para o regime de alta inflação, com um problema complicado que se

liga a expectativas bastante desestabilizadoras." Werneck afirma que mesmo com a combinação de congelamento de preços e recessão, "a inflação fica, a duras penas, abaixo de 10%, mas com uma altíssima probabilidade de haver uma nova aceleração".

O outro economista da PUC-Rio, Dionísio Carneiro, concorda com o diagnóstico clínico de Werneck: "O governo conseguiu estabilizar o paciente com uma série de drogas complicadíssimas, com efeitos colaterais violentos. Como continua a injetar essas drogas, pode perder o paciente de vez para a vida útil." Para Dionísio, não é preciso aprofundar a recessão para reduzir a inflação. "Precisamos, sim, administrar a economia com um mínimo de confiança." Ele lamenta que o governo tome medidas a todo instante, aumentando a instabilidade. E adverte que "o capital que esse governo mais utiliza é a confiança, mas confiança é um capital que vem se tornando progressivamente escasso".

A análise de Plínio Arruda Sampaio Jr. ganha a mesma tonalidade cinzenta. "Há uma estabilidade precária, todo mundo vê o crescimento dos preços, aumentam as pressões especulativas, e o governo continua demonstrando imobilismo. Tudo que faz é acenar as incertezas." Segundo ele, a questão do tempo vai ficando cada vez mais dramática. "O governo pediu que se esqueça seu primeiro ano, mas continua sem fazer nada. Ainda não disse a que veio e as oposições também não."

Plínio recorre a uma metáfora funesta: "Tenho a impressão de que estamos caminhando passivamente para a câmara de gás." E o cientista político Sérgio Abranches conclui que a crise de confiança vai muito além da fronteira econômica. "Temos uma crise institucional, pois não há regras estáveis, regras que se obedecem, regras que se possam seguir. Não é um problema político, é um problema institucional." Abranches diz que há um bloqueio geral impedindo a negociação entre o governo e o Congresso com o objetivo de vencer a crise. Mas a sociedade também não está disposta a cooperar, a partir de um raciocínio simples: "O governo não faz a sua parte, não vou fazer a minha."